



Fundador: JOAO AMANDIO

SEMANARIO REPUBLICANO E REGIONALISTA

TELEFONE: 89.232

Agraciado com o DIPLOMA DE MÉRITO na Grande Exposição Internacional de Publicações Periódicas, realizada em Matanzas — Cuba — no ano de 1937
 Redacção, Adm. e Tipografia — Rua Barão de Espoense — Director e editor: JOSÉ B. AMANDIO — Propriedade: Herdeiros de João Amandio

A PROVÍNCIA E A NAÇÃO

Pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Atravessamos uma época, como outra já mais distante, mas sempre oportuna, onde « todos não somos demais para a continuação de Portugal » Assim, a compreensão mútua que se vem notando da Província perante os altos problemas nacionais e da própria Nação em face das pequenas coisas com interesse meramente local e regional, demonstram a realidade duma política espiritual jamais conseguida, a corporização real dum princípio revolucionário em marcha.

Esse princípio, que é afinal a nossa Revolução em andamento progressivo, em busca duma perfeição jamais atingida—(a perfeição real é apenas teórica e jamais alcançada pela humanidade)—o desejo de bem servir, de melhor caminhar, rotas seguras do que se quer e do que se pretende.

A Província, mercê duma obra governamental em extensão e profundidade é hoje, mais do que em nenhuma outra data, um elemento constitutivo e intrínseco da unidade patrimonial da Nação; se a geração que nos antecedeu, pudesse regressar à vida que vivemos, não acreditaria, julgar-se-ia em pleno sonho, ao constatar a deslocação dum Chefe, dum Ministro, ao recanto mais distante duma aldeia para se informar « in loco » da necessidade duma estrada, duma captação de águas, duma ponte, dum simples fontenário, sentindo como os naturais a necessidade do melhoramento que se pretende; a sua admiração subiria ao máximo do pasmo, constatando a certeza de ter abertas de par em par as amplas portarias do Terreiro do Paço, até ao próprio homem simples que, descendo da serra ou da planície, a Capital Imperial demandou em busca dum desejo colectivo, duma benesse para o seu cantinho distante.

Quem assim procede,—e a Verdade não admite controvérsia—procede dentro de amplos princípios liberais, entrando afinal de contas na defesa duma democracia, a que não pertencemos. Ao fim e ao cabo, quasi somos nós os seus arautos, os homens cujos Chefes descem muito naturalmente à confraternização popular, sem mira numa votação futura, num desejo de clientela, no apadrinhamento de causas meramente pessoais.

E porque a Província pode contar com a Nação, esta conta afoita e certamente com aquela para mais largos voos, por horizontes mais amplos; jamais regateará o apoio, a cooperação a quem lhe tem dado um nível de vida nunca atingido, uma certeza de existência estadual, como não se sonhava na segunda década do século em curso. Que assim é, ninguém o pode duvidar, vendo a união das terras mais distantes para a homenagem justíssima a uma figura de projecção nacional e internacional, a alegria com que o nosso Povo se desloca a esta Capital, sentido as horas altas de apoteose patriótica e os momentos negros de pesado luto que possam envolver a Pátria.

(Conclue na página seguinte)

RECORDANDO...

Abel M. Vinha dos Santos



Num dia que amargamente é recordado por nós, desaparecia para sempre um prestigioso filho deste concelho: Abel Maria Vinha dos Santos.

Figura delicada de intelectual, legou-nos uma obra encantadora, que infelizmente está dispersa e em parte se mantém, sem que o público apreciador da beleza estilística de escrever, a conheça.

Abel Vinha dos Santos, desapareceu ante os olhares dos amigos a dois passos da Galiza e deste Minho encantador de canteiros e jardins. Morria o Poeta!

Ainda se não apercebeu a terra fangueira de que morreu Alguem. A dívida estará por saldar enquanto não se não manifestar com justiça ante o túmulo dessa figura simples, mas poderosa de intelectualidade, e de incomensurável cultura.

Os sonetos de Vinha dos Santos têm vida, são o deflagrar de uma alma que pressentia a vida encurtar-se. O fatalismo foi sempre uma figura que mais impressionou Vinha dos Santos. Ele tomou-lhe o pulso e contou-o aos vivos numa derradeira despedida ao mundo que o não compreendera:

« Ouço-lhe os passos pela noite fora,
 Fecho os meus olhos para a ver chegar,
 E nunca vem, meu Deus, como demora,
 E nunca vem, meu Deus, p'ra me levar! »

E Vinha dos Santos desaparecia para sempre nas águas do rio Minho, vitimado por um desastre sem que nenhum amigo presente lhe pudesse valer.

Morreu Vinha dos Santos, ainda jovem, para o mundo que atravessara de corrida. Mas não morreram nem o seu nome, nem tampouco a sua obra, apesar de dispersa por jornais e revistas.

Com o pensamento em pensamento, olhos postos nos olhos—como dizia o Poeta—depomos na sua campa a nossa mais pungente saudade

E' a saudade que numa manhã cinzenta de Novembro passado, fomos pessoalmente depor em oração na campa de Abel Maria Vinha dos Santos.—B. A.

De Fão

Manifestação a Joaquim Mariz

Na passada 3.ª feira, deslocou-se de Lisboa a Fão sua terra natal, o sr. Joaquim Mariz em rápida visita a sua Família aqui residente.

Acompanhava-o desde o Porto seu irmão o Sr. José Mariz e cunhada Ex.ª Sr.ª D. Glória Sousa e Costa Mariz.

Conhecida a sua visita, a Comissão da Cantina Escolar quis aproveitar o ensejo de lhe apresentar cumprimentos e mostrar-lhe o local onde será edificada, a Cantina para a qual trabalhou incansavelmente no meio da Colónia Portuguesa do Rio de Janeiro, até lhe proporcionar uma existência desafogada.

Foi recebido numa das salas da Escola Amorim Campos onde entrou sob uma chuva de pétalas que as crianças das escolas lhe despejaram em sinal de agradecimento do seu Bem-mérito amigo.

Aí o Rev.º Prior de Fão, P.º António Alves Nogueira, e o Sr. Prof. Pio Rodrigues, dirigiram-lhe algumas palavras em nome do Povo e das crianças, sendo-lhe oferecido por uma criança pobrezinha, um simples ramo de cravos da sua terra que o Sr. J. Mariz agradeceu, (com um beijo à humilde ofertante.

Ao ver as provas de simpatia e apreço que os seus conterrâneos tão espontaneamente lhe manifestam, o sr. Joaquim Mariz levantou-se com visível emoção que ele começou por confessar, e, num bem improvisado discurso, recordou a sua Escola, o seu antigo Professor, os seus Amigos, alguns ali presentes, e comovidamente a sua Mãe, há pouco tempo falecida e que ele vinha de visitar, no Cemitério da sua Terra Natal.

E alongando-se em considerações, agradeceu aquela recepção que ele reputava de sincera, mas sem ser merecida, pois «nenhum favor tinha feito à sua Terra: somente teria começado a pagar-lhe uma dívida de gratidão».

A esta recepção associaram-se os Bombeiros locais, um grupo de gentis «lavradeiras» que lhe lançaram as primeiras flores e muito povo.

No final apresentaram cumprimentos ao sr. Joaquim Mariz, os senhores Américo da Costa Vieira e Presidente da Câmara de Esposende, P.º Manuel Sá Pereira.—C.

Figuras da Literatura Portuguesa

CASTILHO

Um dos três grandes escritores, com Garrett e Herculano, da primeira época do romantismo em Portugal, verdadeiro corifeu da literatura do seu tempo e que especialmente se notabilizou pela riqueza e expressão artística da linguagem é António Feliciano de Castilho.

Apesar da fraqueza da sua constituição física e da cegueira que aos 6 anos o assaltou, logrou à custa de desvelados carinhos e cuidados da família, não só criar-se e fortalecer a saúde, mas também educar o espírito onde lhe abundou, felizmente, a luz que nos olhos lhe faltou. Tendo-se formado em Cânones pela Universidade de Coimbra e adquirido desde muito cedo invejável cultura clássica, cedo se lhe manifestaram também as suas faculdades poéticas, cujas primeiras tendências, inteiramente clássicas, o levaram a seguir, o movimento arcádico de então, a corrente bocegeana. Dessa sua inclinação para o classicismo dá-nos ele, aliás, frizante prova no seu poemeto «*Cartas de Eco e Narciso*» (1821) que dedicou à Mocidade académica. Já, contudo, na *Primavera*, publicada em 1822, manifestava algumas tendências românticas, as quais se acentuaram definitivamente nos poemetos *Amor e Melancolia*, *Noite de Castelo* e em especial nos *Ciúmes do bardo* (1838). Essas cinco obras são, na poesia, as suas mais notáveis composições.

Outro relevante serviço lhes

devem, porém as letras nacionais: as admiráveis traduções, que empreendeu de algumas obras primas das literaturas estrangeiras, tais como: as *Metamorfoses*, os *Amores* e os *Fastos de Ovídio*; as *Líricas de Anacreonte*; as *Geórgicas de Vergílio*; depois sucessivamente, o *Médico à força*, *Tartufo*, *Avarento*, *Doente de cisma*, *Sabichonas* e *misanthropo*, de Mollere e o *Sonho duma noite de S. João* de Shakespeare. Com estas traduções pretendeu Castilho «nacionalizar» esses poetas pelo processo da parafraze, que consiste na substituição do texto original por uma adaptação literária de rigorosa ortodoxia linguística. Traduziu também deste modo a primeira parte do *Fausto* de Goethe—trabalho que foi ao tempo discutidíssimo.

Castilho, no completo domínio dos seus recursos estilísticos, escreveu algumas admiráveis narrações de sabor histórico que ainda hoje oferecem interesse de leitura.

Castilho foi, como prosador, um dos escritores que mais profundamente conheceram e amaram a nossa língua. Verdadeiro artista da forma, na sua prosa, sempre escorreita e rica de vocábulos, se encontram as mais perfeitas páginas que nos deixou, com algumas das melhores jóias da literatura nacional.

Como poeta, Castilho possui incontestavelmente, muita expressão e facilidade de rima, mas a preocupação retórica e o arcadismo de que nunca se

(Conclusão da primeira página)

Isto se verificou na hora dolorosa do passamento do mais alto Magistrado da Nação, aquilo se sentiu—embora com o fio da saudade é da ternura a ligar entre si os dois polos em causa — na apoteótica, surpreendente, magnífica Parada Militar, comemorativa das bodas de prata da Revolução que vivemos. São horas que se sentem, que se guardam no desejo de as transmitir às crianças que vivem a nosso lado, para que nelas desperte a noção forte dum princípio de nacionalidade, a certeza duma Pátria que não morre. Longa e prolongada seria a explanação do pensamento em causa, quando ao fim e ao cabo pretendemos demonstrar em plena evidência esta cooperação entre todos—os homens bons duma nacionalidade—não contando a ovelha tresmalhada do redil. Porque assim é, uma vez mais nos prepararemos, se é certo que os mortos mandam e perante a lição dos vivos, para vencermos novamente, quando soar a anseada palavra de ordem.

ABEL VARELA E SEIXAS

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

No dia 11—Faz 8 anos, a gentil menina Eugénia Martins Evangelista filhinha do nosso amigo sr. Tito Evangelista e sua Ex.ª Esposa D. Maria Ricarda Evangelista Martins.

No dia 14—Sr.ª D. Manuela Fernanda de Magalhães Coutinho Guimarães.

Os nossos parabens e desejos de felicidades futuras.

Operações

Na passada semana foi operada na Casa de Saúde de Santa Catarina,—no Porto, a Sr.ª D. Maria Amélia Losa Faria, dedicada esposa do nosso bom amigo Sr. Américo Couto de Faria, importante comerciante e armazenista, desta praça.

Por informações que recebemos, soubemos que felizmente se encontra bem.

Em Barcelos, na casa de Saúde, foi operada de urgência e com felicidade, a sr.ª D. Consuelo Conde Evangelista, mãe dos nossos amigos Sr. João Conde Evangelista, digno funcionário da Câmara Municipal de Esposende, Fernando e José Conde Evangelista, este ausente.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

libertou de todo, prejudicaram a influencia que era licito esperar, tanto do seu grande valor, como do longo pontificado que exerceu nas letras.

A crítica recente tem aproximado a sua obra, deslocando a no tempo, do parnasianismo. A sua grande superioridade residia na arte de manejar o idioma, e a esse deu ele notável emprego nas traduções. Havendo formado o seu espírito na época de transição do arcadismo, ou post-classicismo para o romantismo, a obra de Castilho foi um anacrónico mas brilhantíssimo desenvolvimento das ideias e maneira literária da sua época de formação.

António Feliciano de Castilho, que usou o título nobiliárquico de Visconde de Castilho, concedido por D. Luiz I, nasceu em Lisboa a 28 de Janeiro de 1800 e morreu na mesma cidade a 18 de Junho de 1875.

José Contim

Advogado

ESPOSENDE

VISADO PELA CENSURA

De Fonte Boa

JUNHO, 8

Ansiedade

O povo desta freguesia espera, ansioso a inauguração oficial da energia eléctrica. Já há algumas instalações feitas e folgariam imenso os seus possuidores em poder gozar este benefício.

A's autoridades a quem de direito apresentamos este pedido.

De licença

Encontra-se nesta freguesia, seu berço natal, a gozar 20 dias de licença, o nosso amigo sr. Emílio Rodrigues Torres que há bastante tempo se encontrava ausente em Trás os Montes a cumprir deveres militares no Batalhão de Caçadores n.º 3, em Bragança.

Bons dias de licença lhe desejamos.

Agricultura

Espéran-se que a lua nova trouxesse melhor tempo para a agricultura, porém, a chuva, de vez em quando, continua a importunar-nos. Nesta freguesia o mildio ainda não fez a sua aparição. Talvez se deva este facto ao contínuo tratamento cúprico que se tem feito.

Vida religiosa

Decorre, com grande afluência de fiéis devotos, o mês do S. Coração de Jesus.

No passado domingo, dia 3 na Igreja paroquial desta freguesia, fizeram a sua primeira comunhão alguns meninos e meninas, depois de terem assistido à missa cantada pelos nembros da A. C.

Na tarde do mesmo domingo houve uma hora de adoração em honra do S. S. Sacramento.

Afonso Novo

Festa de Santo António

Com solenidades religiosas comemora-se no próximo dia 13 a Festa em homenagem de Santo António nesta vila.

Época balnear

Apesar do tempo incerto que se tem feito sentir, muitas famílias têm procurado casas para passar a estação calmosa.

PNEUS

6 pneus Michelin, sendo 3 do tamanho de 4-25x15 e 3 de 4x19—vendem-se.

garantida por técnico da fábrica

Assistência técnica

CCC
RADIO
HUHA

pagamento fácil

+ O melhor e mais belo aparelho que o mundo conhece +

REPRESENTANTE PARA O CONCELHO:

CARLOS SILVA

RIO-TINTO - ESPOSENDE

Ocorrências policiais

Descoberta de mais um larápio, que se havia safado da primeira vez, mas não escapando da segunda

Em Junho do ano passado, apresentou queixa no posto da G. N. R. desta vila, Maria Teresa Martins, moradora na freguesia de Carvos, deste concelho, por lhe terem furtado da sua casa, por meio de escalamento, os seguintes objectos:

Um relógio despertador e duas mantas, tudo no valor de 400\$00, indicando como suposto autor Avelino José Gonçalves, solteiro, agricultor, do lugar de Mareces, da freguesia de Vila Cova, concelho de Barcelos, o qual submetido a interrogações no referido Posto negou ter sido o autor do furto, conseguindo desta vez escapar à acção da justiça.

Agora, novamente apresentada a queixa no mesmo Posto, foi pelo seu Comandante 1.º cabo António Antunes, submetido a novos e intensos interrogatórios, acabando por confessar-se autor daquele furto, sendo-lhe ainda apreendida uma das mantas na sua residência, não o sendo a outra e o relógio, por o arguido já os ter vendido em Barcelos.

O arguido foi enviado a Juízo.

Vendem-se

No largo Dr. Fonseca Lima, casas para habitação e comércio.

Falar nesta redacção.

População de Moçambique

Um dos índices do extraordinário, progresso atingido pelos nossos territórios ultramarinos é, sem dúvida, o enorme aumento, populacional verificado nos últimos anos. Para isso tem contribuído um conjunto de factores, dos quais devemos destacar, com o mais importante o interesse do Governo em dotar esses territórios com novos meios e melhores condições de vida, o que os torna agora procurados por aqueles que antes tentavam realizar no estrangeiro os seus arseios de fortuna.

O desenvolvimento industrial e agrícola proporciona, hoje, lugar a largo número de europeus, ao mesmo tempo que tão poderosamente contribui para o progresso económico da Nação. Um sem número de novas actividades chama, também, às nossas possessões de Além-Mar a população branca que, de ano para ano, aumenta consideravelmente.

Comparando os dados estatísticos de Moçambique referentes ao censo de 1950 com os dados fornecidos pelo censo de 1945, verificamos o grande impulso que a população civilizada sofreu ali no curto espaço de cinco anos.

A data da realização dos dois últimos censos, essa população era a seguinte: Censo de 1950: brancos, 48.910; amarelos, 1.615; indianos, 12.604; mistos, 24.898; negros assimilados, 4.377; total, 92.404. Censo de 1945: europeus, 31.221, amarelos, 1.565; indianos, 9.700; mistos, 15.784; africanos, 1.845; total, 60.115.

Nota-se imediatamente, por estes elementos, um importante crescimento populacional em quase todos os tipos somáticos considerados, com particular destaque para os brancos, mistos e negros assimilados.

Em relação a 1945, esse crescimento atinge os seguintes valores: brancos (europeus), 17.689 habitantes (56,66 por cento); amarelos 50 (3,19 por cento); indianos 2.094 (29,9 por cento); mistos, 9.114 (57,74 por cento); negros assimilados (africanos), 2.532 (131,82 por cento).

O grande aumento da população assimilada, só a uma causa se pode atribuir; à acção cristianizadora dos portugueses que mais uma vez, afirmam o seu interesse pela valorização dos povos que a História confiou à sua vocação civilizadora.

A Praia

nesta época

CASAS

ALUGAM-SE

Na Praia de Suave Mar, alugam-se lindas vivendas, mobiliadas e próprias para passar a estação calmosa.

Nesta Redacção se informa.

GARAGEM

NA PRAIA—Alug. e para recolha de automóveis. Tem anexos acomodações para estabelecimento comercial

Nesta Redacção se informa.



O Farol de Esposende na Praia de Suave Mar.

LIVROS DE Stefan Zweig

Vendem-se os livros deste celebre escritor mundial, na LIVRARIA CAVADO